A criança crítica

Etiologia e metapsicologia do supereu hostil

Victor Farah Brahim,[1] São Paulo
Bartholomeu de Aguiar Vieira,[2] São Paulo

Resumo: Nosso ponto de partida é o supereu hostil a que Freud faz alusão em "Compêndio de psicanálise", publicado postumamente em 1940. Pacientes com essa estrutura superegoica tão severa sofrem de um sentimento de culpa inconsciente de tal magnitude que impede sua sensibilidade, deixando suas análises paralisadas. Isso posto, nos perguntamos o que torna um supereu tão hostil a ponto de configurar um caso grave. Para responder a essa pergunta, seguimos a metodologia de uma pesquisa bibliográfica narrativa e intencional, utilizando recortes das obras de Freud e de Ferenczi, além da interlocução com autores contemporâneos que dialogam com o tema. Nosso resultado foi uma investigação sobre a gênese do supereu hostil em relação ao sentimento de desamparo, que aparece como um pivô da formação do supereu de forma geral. Depreende-se que a severidade do supereu guarda uma relação de proporcionalidade com a intensidade do sentimento de desamparo. Outro resultado dessa pesquisa foi termos encontrado na traumatologia ferencziana insumos teóricos que apontam para a precocidade do trauma desmentido e a identificação com o agressor consequente como elementos desestruturantes do narcisismo infantil e, assim, geradores de um profundo sentimento de desamparo, ingredientes do que viria a ser o supereu hostil patológico e paralisante.
Palavras-chave: supereu hostil, identificação com o agressor, sentimento de desamparo

1 Psicólogo graduado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.
2 Psicólogo, doutor pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Ipusp). Professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Introdução

O conceito central deste trabalho, o supereu hostil, é abordado por Freud em 1938 em seu texto que seria publicado postumamente ainda incompleto um ano após a sua morte, em 1940, "Compêndio de psicanálise" (1940/2011a). Os pacientes chamados "difíceis" foram importantes personagens na história da sua clínica, levando-o a buscar adequações em seus métodos mais de uma vez. O que Freud já havia constatado em "O eu e o id" (1923/2011c) seguiu presente em sua convicção até o final de sua vida: um sentimento de culpa moral e inconsciente como entrave em certos analisandos os impedia de progredir em seus tratamentos, acompanhando-os pelo ganho secundário de permanecer em sofrimento (Freud, 1940/2011a).

Freud chega também a hipotetizar que a hostilidade do supereu que gera o sentimento de culpa inconsciente "determine a gravidade de uma doença neurótica" (1923/2011c, p. 63). O autor diz, ainda, no mesmo texto, que reconhece um limite da técnica psicanalítica nesses casos, na ocasional impossibilidade de manejo clínico. Freud (1940/2011a), mais tarde, descreve em sua técnica a necessidade de fortalecer o eu como recurso clínico frente à severidade do supereu. No entanto, mesmo essa estratégia apresenta limitações, uma vez que a dimensão inconsciente e persecutória do supereu frequentemente permanece inacessível, impedindo a eficácia plena desse fortalecimento, como será detalhado adiante.

Embora em "Recordar, repetir e elaborar" Freud (1914/2010c) tenha sinalizado a tendência a um tratamento mais paciente com o tempo de elaboração do analisando, logo após o icônico caso do Homem dos Lobos, um paciente notavelmente resistente ao método psicanalítico clássico, foi Ferenczi quem levou esse direcionamento, bem como o caráter empático de sua clínica, como pilares de sua trajetória.

Para esses pacientes, existe a suposição de um trauma precoce, pré-edípico, e de que a magnitude desse trauma seja tal que provoque a desestruturação da formação narcísica infantil. Com relação ao momento do trauma, Ferenczi dá destaque ao impacto de sua precocidade no psiquismo dos indivíduos, pontuando que "se, no começo

de sua vida, lhe for infligido um dano, ainda que mínimo: isso pode projetar uma sombra sobre toda sua vida" (1928/1992b, p. 9).

A técnica ferencziana da neocatarse, que, então, representa uma inovação clínica para tratar tais pacientes, propõe a dissolução da parte hostil e inconsciente do supereu por meio da revivência das experiências infantis (Robert & Kupermann, 2014). O conceito de "infantil" mencionado no título deste trabalho é importante para nós devido à sua aparente improbabilidade na forma como se manifesta. O supereu, ao se incorporar de maneira excessivamente hostil no sujeito, acaba lançando uma sombra com características adultas, resultado de uma identificação precoce com o adulto. Os analisandos cujas análises permanecem paralisadas amiúde parecem ter interesse em cooperar em seus tratamentos e o fazem na esfera intelectual, mas o componente emocional, excluído da equação, é justamente o que poderia mobilizar as representações inconscientes responsáveis pela severidade do supereu, tornando essa cooperação inócua após certo ponto (Freud, 1940/2011a).

Ferenczi (1932/1990) relata ter-se surpreendido ao encontrar "fantasias eróticas infantis irrealistas" onde supôs estar um adulto sexualmente maduro, ilustrando essa estranha dualidade do quadro em que aparência e realidade psíquica estão tão distantes. Ferenczi (1931/1992a) também observou que sua clínica com esses pacientes se aproximava, em certos aspectos, das técnicas empregadas por Melanie Klein e Anna Freud com crianças, aplicando-as a adultos regredidos, alternativamente.

Na esteira de manejar essas regressões profundas em adultos, Ferenczi, em "A elasticidade da técnica" (1928/1992c), introduziu em sua psicanálise conceitos como o Tato, a capacidade de "sentir com" (*Einfühlung*), capacidade empática por parte do analista. A empatia empregada no manejo clínico permitiu a Ferenczi lidar com maior capacidade com a transferência negativa do analisando: "uma pressão a esse respeito, se for desprovida de tato, fornecerá apenas ao paciente a oportunidade, ardentemente desejada pelo inconsciente, de subtrair-se à nossa influência" (Ferenczi, 1928/1992c, p. 33). Ferenczi explica a elasticidade de sua técnica pela metáfora do joão-teimoso, brinquedo capaz

de levar bordoadas, sempre, contudo, mantendo tração para o seu centro. O centro aqui seria o conhecimento e técnica do analista que resistiria aos ataques do paciente, oriundos da transferência negativa.

Ferenczi, em "Princípio de relaxamento e neocatarse" (1930/1992f), descreve a conduta do analista para com o analisando dotada de uma "atitude amistosa e benevolente" (*Freundlich-wohlwollend*). Na neocatarse de Ferenczi, objetiva-se a criação de campo para que o analisando possa gozar da "liberdade infantilmente irresponsável" pela primeira vez. O autor propõe que a semelhança com a situação infantil incita à repetição, mas que a sua diferença favorece a rememoração, uma segunda chance para experimentar, assim, o infantil.

Uma nuance importante da técnica está em direcionar uma atitude amistosa e benevolente à parte infantil e carente de ternura no analisando, enquanto a parte adulta deve ser abordada de forma correspondente (Freitas, 2023). Isso revela o alcance da técnica: o que carece de ternura é infantil porque seu desenvolvimento foi inibido. A abordagem de Ferenczi, amplamente difundida na análise desses pacientes, evidencia uma estrutura superegoica excessivamente hostil como algo paralisado no tempo, fruto de uma mente infantil. Neste trabalho, buscamos compreender a etiologia desse supereu patológico e paralisante.

Assim, a compreensão do supereu patológico exige uma investigação de sua gênese e desenvolvimento no psiquismo, sobretudo em sua forma hostil descrita por Freud, cotejada com as contribuições de Ferenczi. Nesse percurso, a angústia decorrente do estado de desamparo (*Hilflosigkeit*) revelou-se central para a formação dessas estruturas, uma vez que tanto Freud quanto Ferenczi conceberam o desamparo como elemento nevrálgico na constituição e severidade do supereu.

A formação do supereu

Por que surge e a que serve o supereu? Existe razão para que criemos em nossa psique, ainda crianças, algo que é severo conosco e nos inflige sofrimento? Em um espaço de tempo na história da criança,

ela reitera a escolha de sentir o peso de tornar-se severa consigo em troca de não se sentir desamparada.

Em seu texto *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, Ferenczi (1913/1992e) traça um percurso gradual do princípio do prazer ao princípio de realidade no desenvolvimento infantil, sendo justamente essa gradualidade e as etapas do desenvolvimento de um órgão de realidade as maiores novidades que introduz em diálogo com os conceitos freudianos (Vieira, 2023). Ferenczi vê nesse percurso um horizonte desanimador para o bebê que viveu a ilusão da onipotência intrauterina em que tudo tinha quando precisava e que após o nascimento precisa lidar com a realidade do desamparo e da angústia proveniente deste sentimento de desamparo (*Hilflosigkeit*). "O longo desamparo e dependência infantil do ser humano" são elencados por Freud como fatores que, junto com o que caracteriza o complexo de Édipo, explicam a criação do supereu e não à toa: a necessidade constante de amparo infantil coloca, para a criança, na figura de seus cuidadores um poder colossal, a diferença entre existir ou não (1923/2011c).

A criança decide internalizar a severidade de seus cuidadores, ou melhor, o que imagina ser a severidade de seus cuidadores como forma de se adequar ao seu desejo. Aos poucos, surge na psique uma instância cuja função é antecipar pressões dos cuidadores para assim garantir à criança acesso ao seu amor e amparo. A qualidade dessa adaptação à realidade é um parâmetro posto por Ferenczi (1913/1992e) como fundamental para a formação saudável do psiquismo infantil, sobretudo na diferenciação entre id e eu, sendo o eu uma parcela diferenciada do id que lida com as demandas externas da realidade (Freud, 1923/2011c) e o supereu uma parcela especializada do eu que internaliza o recorte dessa realidade que delineia os cuidadores.

Por qualidade de adaptação, entende-se que o cuidado recebido pela criança deve dar a ela alguma ilusão de onipotência, ainda que não total, tal qual a de que gozava dentro do útero materno, tornando a adaptação à realidade gradual. Quando o caminho entre a ilusão de onipotência e a percepção de impotência é curto demais, o resultado é um intenso sentimento de desamparo e a consequente intensificação da busca

por cuidado. Sendo a severidade internalizada a moeda de troca pela eliminação desse sentimento de desamparo, a qualidade desse cuidado é de fundamental influência na dimensão da estrutura superegoica.

O sentimento de desamparo na criança, causado no seu choque com a realidade, está na gênese do próprio eu. A necessidade de fazer frente às demandas externas é a razão da criação dessa estrutura e essa necessidade é sentida como angústia pela criança. Sobre essa angústia residente no eu, reportamo-nos a Freud: "Não podemos especificar o que o eu teme nos perigos externos e no perigo da libido do id; sabemos que é a dominação ou a destruição, mas analiticamente não se deixa apreender" (1923/2011c, p. 72).

O eu teme o que para si é o indizível. Não se pode dizer que é medo da morte per se já que a mente infantil não possui em seu vocabulário este conceito. Façamos então o raciocínio inverso na busca pela melhor definição da angústia do eu. Para Freud, o viver para o eu "significa o mesmo que ser amado, ser amado pelo supereu, que também aí surge como representante do id" (1923/2011c, p. 73). O supereu representa o id duplamente já que recebe deste a libido investida na figura internalizada dos cuidadores e pela sua própria função de ser, adaptada a garantir o princípio do prazer. Pode-se dizer que a angústia do eu, vivida como sentimento de desamparo para a criança, é o medo do desamor que é interno na não satisfação do supereu, mas originalmente externo na figura dos cuidadores.

Ser amado é não somente a forma como o eu vive, senão também o modo como cresce e se fortalece e para que possamos entender as dinâmicas entre id, eu e supereu, é preciso que nos atenhamos aos fluxos de libido que movimentam essas relações. O eu apodera-se da libido que originalmente era do id quando se oferece como objeto de amor a este, sendo esta transação um narcisismo secundário (Freud, 1923/2011c).

Assim, é se apresentando como objeto de amor para o id que o eu se apodera de sua libido. Deste modo, mais que depósito da libido, o eu é também objeto de investimento. O supereu é o melhor exemplo dessa dinâmica, sendo uma parte do eu que se diferencia e ganha massivos investimentos libidinais do id. O eu, então, preocupa-se em ser

amado pelo id, pelo supereu e em lidar com as descargas externas do sistema perceptual.

A relação entre as instâncias da segunda tópica freudiana evidencia que, embora derivado do eu, o supereu se mantém mais distante da realidade, acessando-a apenas por meio do próprio eu. No entanto, ambos possuem uma dimensão inconsciente, o que implica que parte do supereu permanece inacessível, submetendo silenciosamente o eu e recebendo pouca influência dele. Parte do supereu é necessariamente inconsciente e se alimenta das pulsões do id (Freud, 1933/2010b), o que explica sua rigidez ao longo do tempo, mesmo quando em desacordo com a realidade.

O supereu resulta de um mosaico de identificações parentais, assim como o eu se constitui por múltiplas identificações. Assim como as pulsões do id convivem lado a lado, mesmo quando manifestamente contraditórias (Freud, 1933/2010b), as identificações inconscientes no eu e no supereu também podem coexistir em contradição. Quando essas identificações se tornam numerosas e incompatíveis, há o risco de fragmentação do eu, já que "várias identificações se excluem umas às outras mediante resistências" (Freud, 1933/2010b, p. 38).

O conceito de identificação é central nesse processo, pois é por meio dela que o eu transforma investimentos objetais em investimentos narcísicos, recebe a libido do id e dá origem ao supereu. Quando há perda ou renúncia de um objeto, compensa-se isso identificando-se com ele (Freud, 1933/2010b), instaurando-o no eu. Assim, o supereu configura-se como um caso bem-sucedido de identificação com a instância parental (Freud, 1933/2010b). A superação do complexo de Édipo exige que a criança renuncie aos investimentos amorosos em seus cuidadores, fortalecendo a identificação e consolidando a estrutura superegoica.

Algo especial nessa identificação que caracteriza a natureza da estrutura superegoica é a sua parcialidade enquanto objeto internalizado. Freud (1933/2010b) constatou a tendência dos pais a se identificarem com seus próprios supereus na educação das crianças em virtude do esquecimento do que passaram eles mesmos em suas infâncias, aumentando o contato com este aspecto severo de suas personalidades. Ele

discorre, contudo, que mesmo nas crianças que tiveram aparentemente pouca severidade na sua criação, o seu supereu acaba por ser um recorte incompleto, o supereu teria feito uma "escolha parcial" pela severidade nessa identificação e por vezes essa severidade torna-se inflacionada no psiquismo infantil. Faz sentido que a criança que se sente desamparada dê mais importância a se adequar para ser amada pelos cuidadores e para tal, precise dar destaque à severidade dessa identificação. Assim, a intensidade do sentimento de desamparo na criança pode guardar relação com a intensidade da severidade superegoica. Quanto mais a criança percebe o cuidado como faltante ou inadequado, mais se sente ameaçada, mais se dá conta da necessidade de ser amada e consequentemente bem amparada.

Não existe aqui a intenção de pressupor que a criança imagine o desamparo, nem sinta angústia de uma situação que não guarde paralelo com o ambiente que a circunda, mas simplesmente a observação de que há mais de uma forma pela qual uma criança possa se sentir mal cuidada, seja através da negligência parental, da indisponibilidade afetiva de um dos cuidadores ou de eventos traumáticos que não necessariamente apontem na direção de uma criação particularmente severa, embora seja este o efeito na identificação parental, ou seja, no supereu.

Sobre a intensidade com que o supereu atua na psique do indivíduo, a submissão que impõe é possível apenas pela desfusão instintual (Freud, 1924/2011b) que auxilia o entendimento da severidade superegoica, pela reversão do instinto de destrutividade, direcionada agora ao próprio sujeito (Freud, 1930/2010a). Indo além, o lugar privilegiado do supereu no seu psiquismo pode ser explicado por dois fatores, quais sejam, a sua formação tomar lugar em um momento em que o eu ainda é fraco e o título de herdeiro do complexo de Édipo introduzindo no eu "os mais imponentes objetos" (Freud, 1923/2011c, p. 60).

Ao analisarmos o sentimento de desamparo que surge com a quebra da ilusão de onipotência intrauterina como motivação para a formação do supereu, surge uma questão: por que recorrer ao que é pré-edípico, se o complexo de Édipo é considerado o marco inaugural dessa estrutura? Freud (1933/2010b) distingue dois tipos de ansiedade nesse processo:

antes do Édipo, a "ansiedade realística" decorre do medo de perder o amor dos cuidadores; após o Édipo, a culpa gerada pelo conflito entre supereu e eu dá origem à "ansiedade moral". A substituição do investimento de objeto pela identificação torna essa estrutura mais robusta, consolidando-se definitivamente como supereu. Apesar dessa transição, o medo de não ser amado permanece constante, primeiro ligado aos cuidadores como objeto e, posteriormente, como identificação.

Mesmo que a identificação parental ainda não tenha entre seus ingredientes a ameaça de castração do complexo de Édipo que inviabiliza o investimento de objeto, liberando essa libido sexual para a sublimação enquanto libido narcísica, a teoria freudiana aponta para um caminho de construção do supereu ao longo de toda a infância. Isso será corroborado pela traumatologia ferencziana a que nos remeteremos no próximo capítulo com o intuito de jogar luz sobre o supereu hostil.

O supereu hostil e a identificação com o agressor de Ferenczi

O supereu descrito por Freud em *Compêndio de psicanálise* (1940/2011a) é de tal hostilidade que impõe ao indivíduo um sentimento de culpa inconsciente, interditando o progresso da análise de maneira sutil e controversa. Embora o paciente possa demonstrar esforço e até alcançar avanços intelectuais, sua sensibilidade permanece inacessível. Para ilustrar essa dinâmica, criamos a metáfora da "criança crítica": um paciente que, como uma criança forçada a amadurecer precocemente, internalizou uma caricatura arcaica da severidade paterna. Demasiadamente crítico consigo, não se permite a ternura e a sensibilidade naturais à infância, mas tampouco consegue sustentar a postura adulta sem fissuras. Assim, oscila entre a rigidez e a fragilidade, sem lograr integrar plenamente nenhuma dessas dimensões.

Estivesse essa "criança crítica" consciente sobre a sua escolha em usar tão pesadas vestes, o trabalho analítico consistiria simplesmente na investigação dessa conduta, contudo, o paciente que não tem acesso ao que é sensível em si não tem também conhecimento sobre a opção que fez em tenra idade. O inconsciente, assim, é um elemento central na

compreensão da estrutura superegoica hostil e patológica. Assim como ideias inconscientes têm capacidade de influenciar o psiquismo do indivíduo que as recalca, impondo sobre elas resistência, o mesmo acontece com sentimentos inconscientes que "tornam-se conscientes apenas ao atingir o sistema Pcp; se o caminho é barrado, não se produzem sensações, embora o outro que a elas corresponde no curso da excitação seja o mesmo" (Freud, 1923/2011c, p. 27). O sentimento de culpa gerado por esse supereu hostil não é consciente e, assim, não é sentido como tal pelo seu portador. Mesmo não produzindo sensações que apontem mais facilmente para a realidade emocional do indivíduo, ele é coagido a se castigar perpetuamente. A proposta freudiana de fortalecer o eu frente às demandas do supereu, assenhoreando concomitantemente novas partes do id ao eu (Freud, 1923/2011c), embora seja passo importante na análise desses pacientes, não pode defender o indivíduo dos ataques provenientes dessa parcela inconsciente do supereu.

Ferenczi percebeu, em seus pacientes cujas análises não progrediam dentro do método tradicional, um padrão: existia a suposição de um trauma precoce, anterior ao complexo de Édipo de tamanha violência que era capaz de desestruturar o narcisismo do infante, ainda em formação. Essa falta de estruturação em um período tão precoce da vida é levada por esses pacientes até a idade adulta em seu psiquismo. A partir daquele padrão, Ferenczi (1931/1992a, 1933/1992d) desenvolveu sua traumatologia em três tempos distintos: o trauma, o desmentido e a identificação com o agressor, remetendo-nos à interpretação de Molin (2016).

Neste trabalho, interpretamos o primeiro tempo, o trauma, de forma mais ampla do que sugere a obra de Ferenczi:

> A fórmula de Ferenczi é mais abrangente do que parece à primeira vista. Podemos retirar toda a cena de violência sexual do seu enunciado, própria ao imaginário de sua época, e ainda assim mantemos seus constituintes. Não é necessário supormos uma criança abusada sexualmente para termos acesso às dificuldades que o ambiente lhe proporcionará. (Verztman, 2002, p. 69)

Para a nossa construção teórica, é de maior importância do que as especificidades que caracterizam o trauma objetivamente, a confusão de línguas a que o evento traumático submete a relação entre a criança e o seu agressor e para tanto se faz necessário debruçar-nos sobre os conceitos ferenczianos de linguagem da ternura e linguagem da paixão. A linguagem da ternura é a forma pela qual as crianças vivem e se comunicam no mundo pré-edipicamente, "ela está numa época anterior ao conflito edipiano, na época em que a criança tem o direito de fazer e pensar tudo sem ser punida" (Ferenczi, 1928/1992b, p. 10). Entende-se que a criança, nessa fase, idealmente ainda goza de parcela da ilusão de onipotência se recebido o cuidado adequado. A linguagem da paixão seria referente ao existir do mundo dos adultos, posterior ao conflito edípico e com todas as proibições morais vindouras com a consolidação do supereu. Na traumatologia ferencziana, o evento traumático força a lógica da linguagem da paixão ao infante antes que esteja maduro para tal. Sem capacidade para compreender a nova lógica, a criança que passa pelo evento traumático em que o agressor é uma figura de cuidado, sente-se, por si só, como podemos imaginar, bastante desamparada.

No segundo tempo do trauma, a criança busca em outra figura de cuidado os insumos para que possa ser acolhida e fazer sentido do evento traumático e da confusão de línguas a que foi submetida. Acolhimento e construção de sentido são os dois conceitos-chave desse raciocínio e é justamente a falta destes pilares o que dá ao trauma caráter desestruturante. Para Ferenczi (1932/1990, p. 104), o socorro de outra figura de cuidado permite ao infante que suas forças próprias se ocupem da reparação necessária, por mais devastador que o evento traumático tenha sido.

Após o tempo do trauma, há o tempo do desmentido (Ferenczi, 1931/1992a), quando o que é encontrado pela criança, na busca por acolhimento, é o descrédito. O desmentido ocorre quando a segunda figura de cuidado nega o evento traumático, desacreditando o relato da criança. O evento sem o desmentido, por si só, já seria traumático, contudo, o descrédito no momento de desamparo acentua ainda mais esse sentimento e põe em xeque a própria capacidade da criança de se perceber, relacionar e sentir: "quando o desmentido atinge uma área onde a afirmação de si seja

prioritária, neste caso a verdade das próprias sensações, o que é desmentido é o próprio sujeito" (Verztman, 2002, p. 69).

A criança se vê, assim, sem opções para lidar e significar aquele acontecimento, entrando no terceiro tempo do trauma, a identificação com o agressor. Ora, se a criança não pode contar com o agressor, nem com outra figura de cuidado e nem mesmo pode confiar nas próprias percepções de si e da realidade, se vê forçada a tomar uma medida desesperada: ser perpetuamente vigilante e submissa ao agressor, para assim não incorrer em "investimentos de objeto que arrisquem a reativação do transbordamento das quantidades" (Mello & Herzog, 2009, p. 72).

O supereu, construído para garantir o amor e os cuidados dos cuidadores, aqui se manifesta de forma extrema. O trauma desmentido impõe à criança um desamparo tão profundo que a leva, pré-edipicamente, a uma identificação rígida e severa com o agressor. Sem maturidade para elaborá-la de modo gradual, essa identificação se dá de forma artificial e inconsciente, tornando-se um objeto estranho e persecutório dentro do mosaico de identificações que compõem o supereu. Como observa Kupermann, esse objeto "mantém-se, efetivamente, como um corpo estranho, uma modalidade de superego tirânico não integrado, uma verdadeira 'sombra' à qual o sujeito se submete à moda masoquista" (2019, p. 188).

Se ao tempo da resolução do complexo de Édipo, a criança já tem pouco insumo e capacidades de interpretar o mundo à sua volta para que possa criar identificações realistas com seus cuidadores, em momento mais precoce e motivada por um intenso processo traumático é de se esperar que a identificação introjetada seja um objeto tão aterrorizante quanto o desamparo sentido. Este núcleo superegoico hostil e precoce é de fato tão inaceitavelmente cruel que permanece inconsciente, assim como se torna inconsciente o intenso sentimento de desamparo que motivou sua criação através da clivagem narcísica. Para sobreviver, o eu infantil se divide em dois após a internalização do objeto persecutório:

> A pessoa divide-se num ser psíquico de puro saber que observa os eventos a partir de fora, e num corpo totalmente insensível. Na medida em que o ser

> psíquico ainda é acessível aos sentimentos, incide todo o seu interesse no único sentimento que subsiste de todo o processo: isto é, o que o agressor sente. (Ferenczi, 1932/1990, p. 142)

A criança cliva o seu eu se dividindo em sua parte sensível e despedaçada e em uma nova parte capaz de lidar com a situação traumática, mas incapaz de sentir (Ferenczi, 1932/1990). Como quem não pôde contar com a ajuda externa, para que possa preservar minimamente o seu narcisismo, se divide em uma parte que precisa de ajuda e uma capaz de ajudá-la, ainda que artificialmente. Essa nova entidade, comparada por Ferenczi a um anjo de guarda, "tudo sabe e nada sente". Por esse motivo as análises paralisadas com pacientes portadores desse tipo de trauma progridem apenas no nível intelectual, mas não no nível afetivo. A parte clivada que porta traços adultos e faz a função de proteção que deveria ter sido feita oportunamente por um adulto real é o que se consegue endereçar por meio da técnica psicanalítica clássica. A parte sensível e desamparada torna-se inconsciente e permanece cristalizada no tempo. A atividade do analista, para Ferenczi (1932/1990), nestes casos, é justamente ressuscitar aquele "pedaço morto da alma".

A necessidade de alcançar a criança desamparada e perdida no tempo, bem como o supereu tirânico imaginado um dia por uma mente infantil em desespero justificam a necessidade de um manejo clínico especial. A criança que foi tolhida da sua infância segue dentro do adulto apartada da realidade, tanto na representação superegoica hostil, quanto no eu sensível clivado. Tanto o sentimento de desamparo que deu origem à necessidade da identificação precoce quanto esta última sobrevivem no psiquismo inconscientes como um par que se retroalimenta. Ainda que inconsciente, o sentimento de desamparo é intenso e segue demandando a solução cruel na identificação com o agressor. Por serem representações inconscientes permanecem intactas ao longo do tempo, imunes à realidade, perpassando as identificações e sentimentos conscientes. Deste modo, e retomando o que foi dito anteriormente, não basta que se fortaleça o eu simplesmente. O eu não pode fazer frente a um inimigo invisível. A inconsciência das estruturas resultantes da

clivagem tão precocemente, diferente do conteúdo reprimido através do recalque, não tem representações simbolizadas. A identificação, quando bem elaborada, ocorrendo de forma saudável, "é um mecanismo linguístico que produz linguagem" (Verztman, 2002). O trauma, ao passar pelo desmentido, descredibiliza a criança traumatizada, impedindo que ela consiga internalizar o acontecido de forma simbólica.

A revivência do infantil em análise que a neocatarse propõe é um campo não apenas para a reforma de um edifício em más condições, mas campo para que se possa continuar uma construção abandonada, esquecida. A "catarse" da neocatarse ocorre quando as duas partes clivadas do eu se encontram novamente e os rastros dos traumas que não foram inscritos enquanto linguagem são revividos como "símbolos mnêmicos corporais" (Ferenczi, 1930/1992f, p. 62), semelhantes aos dos pacientes histéricos, mas desprovidos da carga simbólica própria destes. A análise, assim, objetiva tornar-se um caminho seguro o bastante para que a parte clivada que passou a vida inteira protegendo abra caminho para que a parte que passou a vida inteira sendo protegida possa se manifestar depois de tanto tempo. O analista fala com essa parcela do analisando utilizando a linguagem da ternura e por isso suporta os ataques transferenciais do analisando com a recepção que apenas um adulto acolhedor e empático poderia fazer por uma criança. Endereça assim algo no paciente que é atemporalmente e estranhamente pré-edípico, como se tivesse em seu passado essa lacuna incontornável que significa não ter aprendido a ser criança a seu tempo, tendo que tornar-se adulto rápido demais.

O estudo de caso de Koritar (2014) exemplifica a aplicação da clínica ferencziana na psicanálise contemporânea. Inicialmente, suas interpretações foram rejeitadas pela paciente, que as percebia como ataques pessoais, tornando inviável o método psicanalítico tradicional. Diante desse impasse, o analista adotou um manejo mais elástico da transferência negativa, conduzindo um tratamento baseado na empatia ao longo de anos. Esse percurso permitiu que a paciente reconstruísse seu psiquismo até estar pronta para se beneficiar da psicanálise clássica. Koritar lhe ofereceu a experiência da impunidade infantil, com todos os desafios que isso implica, reafirmando a ideia de Ferenczi:

> Se não só nos protegermos, mas, em todas as ocasiões, encorajarmos também o paciente, já bastante tímido, colheremos mais cedo ou mais tarde a recompensa bem merecida de nossa paciência, sob a forma de uma nascente transferência positiva. (1928/1992c, p. 35)

Autoras como Marion Minerbo (2015) e Ana Maria Rudge (2006) dialogam com a traumatologia ferencziana de forma mais abrangente, descentralizando o trauma como evento único desestruturante. Tanto o trauma quanto o desmentido poderiam estar espaçados no tempo, dando nova nuance à teoria e abrindo possibilidades inclusive na gradualidade da formação superegoica hostil.

Rudge (2006) ilumina a ideia de que a criança que não se sente bem-vinda pelos cuidadores internaliza esse sentimento na forma de um supereu hostil, que enfatiza a pulsão de morte na vida adulta. Em vez de buscar antecipar-se à vontade dos cuidadores para ser amada, passa a crer que essa vontade é a de que não exista, subvertendo o propósito do supereu. Minerbo (2015) segue um raciocínio semelhante, argumentando que a criança se sente atacada em sua própria existência, e não apenas em seu comportamento. O cuidador, ao proteger seu narcisismo, ataca repetidamente o da criança, impondo um abuso de poder que se perpetua por pequenas violências desmentidas em sequência. Nesse contexto, a identificação com o agressor e a clivagem narcísica tornam-se estratégias defensivas, e o intenso sentimento de desamparo se constrói ao longo do tempo.

Independentemente da genealogia exata do trauma, a confusão de línguas, o trauma anterior à resolução do Édipo e o desmentido que desestrutura o narcisismo infantil apresentam-se na teoria ferencziana como ingredientes da receita para um profundo sentimento de desamparo, este relacionado com a criação da intensidade do supereu tanto em Freud quanto em Ferenczi.

Considerações finais

A célebre metáfora do fruto bichado foi utilizada por Ferenczi (1933/1992d) para descrever o indivíduo traumatizado e com ela seguimos para o fechamento deste artigo. Quando bicado por um pássaro antes do tempo, o fruto ferido amadurece rápido demais por fora, mas apodrece por dentro. A bicada representa, assim, o trauma e a maturação apressada, porém artificial, representa a clivagem do eu. A parte sensível resta interna e destruída, tal qual o interior do fruto e a parte que amadurece rápido demais representa a estrutura que faz as vezes de adulto, desconectada da sensibilidade, como uma máscara.

Os pacientes que encontraram limite na clínica freudiana, permanecendo estagnados, donos de um supereu hostil e de um sentimento de culpa cruel e inconsciente foram, por assim dizer, frutos bichados. O trabalho intelectual que faz avançar a análise até certo ponto é levado a cabo pela parte de fora do fruto, aparentemente madura. O componente sensível faltante à análise, paralisante, é o interior destruído. O trauma prematuro, por fim, é a bicada no fruto ainda verde demais.

O interior destruído, clivado, guarda em si um sentimento de desamparo intenso e inconsciente. Sentimento de desamparo que é o elemento que se destaca como uma constante na formação do eu e do supereu saudável e não apenas do supereu hostil. Encontramos, ao longo da pesquisa, a sugestão da proporcionalidade entre a intensidade do sentimento de desamparo vivido pela criança e a severidade do supereu criado em consequência. De fato, ainda que a traumatologia ferencziana explique o evento criador do supereu hostil através da identificação com o agressor e que isso aconteça muito precocemente, seguido pelo desmentido, pode-se arguir que todos estes elementos são, já separados e ainda mais combinados, grandes intensificadores do sentimento de desamparo infantil.

O raciocínio aqui é que o sentimento de desamparo advindo do choque com a realidade não só é responsável pela separação entre eu e id, em que antes tudo era id, mas motivador da criação do supereu. A criança internaliza seus cuidadores na expectativa de ser por eles

amada. A expectativa da falta desse amor gera a expectativa da falta de amparo e com esta a necessidade proporcional de adaptação para lidar com a situação adversa.

Talvez o estudo dos pacientes difíceis, clivados, muito apartados da própria sensibilidade sirva como hipérbole de algo que aconteça em menor intensidade em analisandos que não se encaixam naquela descrição, mas levem também consigo traços dela. Se separarmos um evento traumático em diversos, a exemplo do que fez Minerbo (2015), poderíamos pensar em pequenas clivagens ou traços de desestruturação narcísica. Também podemos pensar em maior ou menor consciência acerca do sentimento de desamparo no adulto e do supereu. Se, na neocatarse, Ferenczi nos sugere que nos utilizemos, enquanto analistas, da linguagem da ternura apenas para endereçar a parte do analisando que não pôde amadurecer e deixar de ser criança, em se tratando de um caso mais leve, talvez o paciente também se beneficie da busca por um fragmento de si que, ainda que pequeno, tenha se perdido no tempo e não tenha podido tornar-se adulto.

Afinal de contas, a "insinceridade parcialmente consciente" (Ferenczi, 1928/1992b, p. 16) a que o autor alude se explicaria, nos pacientes clivados, pela posse de "vários supereus, cuja unificação não foi bem-sucedida" (p. 16) nos parece um sintoma bastante comum, em algum grau, na clínica psicanalítica. Assim como a tendência a ser o supereu parcialmente inconsciente a que se refere Freud (1923/2011c) parece-nos apontar para que todo supereu tenha algum grau de fragmentação. A hipótese levantada é a de que a intensidade destes fenômenos possa determinar a patologização de cada quadro.

Por fim, após compartilhadas estas instigações, que precisam de estudos adicionais, ou mesmo práxis clínica para que possam prover resultados frutíferos e, neste caso, fortuitamente, frutos maduros, encerramos este artigo em um tom mais terno, com a admiração pela potência de uma prática psicanalítica empática. Poder criar, através da transferência, um espaço relacional de densidade tal que permita ao analisando, já adulto, ser uma criança bem acolhida pela primeira vez, traz algo de bonito em si. É bonito que se possa encontrar e cuidar de

uma criança que foi perdida no tempo. É bonito que um adulto não precise mais ser uma criança que se fantasia de adulto, mas sim um adulto que pôde um dia ser uma criança.

El niño crítico: etiología y metapsicología del superyó hostil

Resumen: Nuestro punto de partida es el superyó hostil al que hace alusión Freud en su Compendio del Psicoanálisis, publicado póstumamente en 1940. Los pacientes con esta estructura superyoica tan severa sufren de un sentimiento de culpa inconsciente de tal magnitud que anula su sensibilidad, paralizando sus análisis. Con esto en mente, nos preguntamos: ¿qué hace que un superyó sea tan hostil como para configurar un caso grave? Para responder a esta pregunta, seguimos la metodología de Investigación Bibliográfica narrativa e intencional, utilizando fragmentos de las obras de Freud y Ferenczi, además de la interlocución con autores contemporáneos que dialogan sobre el tema. Nuestro resultado fue una investigación sobre la génesis del superyó hostil en relación con el sentimiento de desamparo, que aparece como un pivote en la formación del superyó en general. Se desprende que la severidad del superyó guarda una relación proporcional con la intensidad del sentimiento de desamparo. Otro resultado de esta investigación fue encontrar en la traumatología ferencziana aportes teóricos que señalan la precocidad del trauma desmentido y la identificación subsiguiente con el agresor como elementos desestructurantes del narcisismo infantil, generando así un profundo sentimiento de desamparo, ingredientes de lo que sería el superyó hostil patológico y paralizante.

Palabras clave: superyó hostil, identificación con el agresor, sentimiento de desamparo

The critical child: etiology and metapsychology of the hostile superego

Abstract: Our starting point is the hostile superego referred to by Freud in his "An Outline of Psycho-Analysis", published posthumously in 1940. Patients with this severe superegoic structure suffer from an unconscious sense of guilt so overwhelming that it numbs their sensitivity, paralyzing

their analyses. With that in mind, we ask: what makes a superego so hostile as to constitute a severe case? To answer this question, we adopted the methodology of intentional and narrative Bibliographic Research, utilizing excerpts from the works of Freud and Ferenczi, along with discussions with contemporary authors addressing the topic. This investigation explored the genesis of the hostile superego in relation to the feeling of helplessness, which emerges as a pivot in the overall formation of the superego. It is inferred that the severity of the superego is proportional to the intensity of the feeling of helplessness. Another finding of this research was the discovery, in Ferenczian traumatology, of theoretical elements pointing to the precocity of disavowed trauma and subsequent identification with the aggressor as destabilizing elements of child narcissism, thus generating a profound feeling of helplessness, ingredients of what would become the pathological and paralyzing hostile superego.

Keywords: hostile superego, identification with the aggressor, feeling of helplessness

Referências

Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1932)

Ferenczi, S. (1992a). Análise de crianças com adultos. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)

Ferenczi, S. (1992b). A adaptação da família à criança. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)

Ferenczi, S. (1992c). A elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928)

Ferenczi, S. (1992d). Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)

Ferenczi, S. (1992e). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In S. Ferenczi, *Psicanálise II*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913)

Ferenczi, S. (1992f). Princípio de relaxamento e neocatarse. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930)

Freitas, F. (2023). A economia do sofrimento e o princípio de relaxamento e neocatarse. In R. Hentz, D. S. Goldfajn, B. A. Vieira, D. Viana & R. Mello (Orgs.), *Ferenczi: a arte da psicanálise*. Blucher.

Freud, S. (2010a). O mal-estar na civilização (1930). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)

Freud, S. (2010b). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise: A dissecção da personalidade psíquica (1933). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 137-168). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)

Freud, S. (2010c). Recordar, repetir e elaborar (1914). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 10, pp. 193-210). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (2011a). Compêndio de psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 157-238). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1940)

Freud, S. (2011b). A dissolução do complexo de Édipo (1924). In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 75-82). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)

Freud, S. (2011c). O eu e o id. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)

Koritar, E. (2014). Relaxation in technique leading to new beginnings. *The American Journal of Psychoanalysis, 74*(4), 341-353.

Kupermann, D. (2019). Ferenczi e os objetivos do tratamento psicanalítico: Autenticidade, neocatarse, crianceria. *Estilos da Clínica, 24*(2), 182-194.

Mello, R. & Herzog, R. (2009). Trauma, clivagem e anestesia: uma perspectiva ferencziana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 61*(3), 68-74.

Minerbo, M. (2015). Contribuições para uma teoria sobre a constituição do supereu cruel. *Revista Brasileira de Psicanálise, 49*(4), 73-89.

Molin, E. C. D. M. (2016). *O terceiro tempo do trauma: Freud e Ferenczi e o desenho de um conceito*. Perspectiva.

Robert, P. P. & Kupermann, D. (2014). A lenta demolição do superego hostil: Articulações entre Freud, Ferenczi e Winnicott a partir de esboço de psicanálise. *Sig: Revista de Psicanálise, 5*.

Rudge, A. M. (2006). Pulsão de morte como efeito de supereu. *Ágora, 9*(1), 79-89. https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000100006

Verztman, J. (2002). O observador do mundo: A noção de clivagem em Ferenczi. *Ágora, 5*(1), 59-78.

Vieira, B. A. (2023). O desenvolvimento do sentido da realidade e seus estágios: Sugestões para um percurso de leitura. In R. Hentz, D. S. Goldfajn, B. A. Vieira, D. Viana & R. Mello (Orgs.), *Ferenczi: a arte da psicanálise*. Blucher.

Victor Farah Brahim
victorfarahb@gmail.com

Bartholomeu de Aguiar Vieira
bartholomeu.vieira@gmail.com

DOI: 10.67671/alter.2026.05

© Alter, 2026. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da editoria.